

FÚRIA DE FERA: A REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE NO CONTEXTO DA DITADURA NOS POEMAS “CAÇADA” E “PERGUNTAS AO FILHO PRÓDIGO” DE LARA DE LEMOS

KELY SILVA DE CARVALHO

Universidade Federal de Goiás (UFG), Laboratório Universitário de Memória Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (LUMINAV/UEG), Goiânia, Goiás, Brasil

RESUMO: Proponho, neste artigo, uma reflexão sobre a representação e a vivência da maternidade durante a ditadura civil-militar brasileira. O objetivo principal é analisar como os poemas *Caçada* (1981) e *Perguntas ao filho pródigo* (1986), de Lara de Lemos, funcionam como testemunho das adversidades impostas às mulheres-mães nesse contexto de opressão política. A metodologia empregada será a análise literária interpretativa dos poemas, focando em imagens poéticas, escolhas lexicais e estruturas formais. Serão mobilizados procedimentos de análise discursiva situada para observar o diálogo dos poemas com a violência de Estado e as formas de resistência feminina. A fundamentação teórica inclui teorias de gênero de Gerda Lerner e Michelle Perrot, e estudos sobre ditadura e literatura de autoria feminina (Regina Zilberman e Evelyn Mello) e a intersecção entre gênero e maternidade no contexto ditatorial (Cristina Scheibe Wolff e Carolina Rios Costa). A análise visa demonstrar como a poesia de Lara de Lemos constrói sentidos profundos sobre a experiência materna sob opressão, validando os poemas como documentos de resistência e memória das lutas femininas contra a ditadura.

PALAVRAS-CHAVE: Testemunho; Ditadura Militar; Maternidade; Poesia; Autoria Feminina; Análise Literária.

INTRODUÇÃO

A Ditadura Militar Brasileira foi um dos capítulos mais perversos da história do nosso país. A tomada de poder pelos militares se deu em 1964 com o golpe que depôs o presidente João Goulart, instaurando um regime que suspendeu direitos civis e políticos, censurou a imprensa e perseguiu opositores, principalmente depois do decreto do Ato Institucional Nº5, que intensificou as políticas de censura e repressão e também a violência do regime. Durante este período, a arte e a literatura enfrentaram severas restrições, mas, paradoxalmente, esses mesmos desafios catalisaram uma produção artística rica e multifacetada. Conforme elaborado por Carolina Rios Costa (2020), artistas de diversas vertentes utilizaram suas obras para questionar, desafiar e denunciar as atrocidades cometidas pelo governo militar.

No âmbito literário, a produção ficcional e poética foi marcada por um período de intensa criatividade e inovação, com a literatura desempenhando um papel crucial como espaço de resistência, denúncia e crítica ao regime autoritário. Em um contexto caracterizado pela censura e repressão, escritores/escritoras e poetas exploraram temas como violência, opressão e alienação, a fim de expor as contradições e injustiças da

sociedade brasileira. Segundo Regina Zilberman (2004), a produção do período frequentemente incorporava elementos dos movimentos de vanguarda, como o concretismo, além da poesia marginal e o modernismo, com obras que exploravam a alegoria para contornar a censura, o testemunho das atrocidades cometidas pelos torturadores e a experiência do cárcere, criando trabalhos que desafiavam o *status quo* e ofereciam uma visão crítica da realidade política e social, documentando e testemunhando as agruras do regime e suas consequências na vida da população. Já para Viviana Bosi (2018), a produção da época oscilava entre uma arte engajada, que se prestava ao desmascaramento do governo militar, e uma produção que transitava simultaneamente da euforia à depressão.

A poesia produzida durante o período da Ditadura Militar, embora vasta e diversificada, abrangendo desde o intimismo até o engajamento social, unindo arte e política, ainda é consideravelmente menos estudada em comparação com a produção ficcional, que já foi amplamente debatida. Segundo Cristiano Jutgla (2013), a fortuna crítica sobre a poesia da Ditadura concentra-se majoritariamente na poesia marginal e no concretismo. A poesia política, de cunho mais engajado, frequentemente recebe uma abordagem apressada que, por vezes, negligencia o valor estético desses poemas de resistência. Além disso, a produção poética feminina desse período, conforme aponta Evelyn Mello (2020), recebeu ainda menos atenção da crítica, sobretudo no que diz respeito ao reconhecimento da singularidade da voz e da experiência da mulher.

Segundo Regina Zilberman (2004), a periodização das correntes literárias da poesia brasileira no século XX geralmente se baseia em uma divisão dominada por representantes masculinos, com uma escassa presença feminina nas divisões estéticas desses movimentos. No entanto, ao examinar a produção poética da década de 1970, Zilberman ressalta que a poesia de autoria feminina introduziu inovações estéticas significativas para a literatura.

Na década de 1970, pode-se cogitar que, enquanto os poetas brasileiros dividiam-se entre aderir à manifestação por intermédio dos meios de comunicação de massa, como faziam os tropicalistas, ou refugiar-se na produção manual e distribuição amadora, tal como os chamados alternativos, as mulheres dedicadas à escrita em verso pesquisavam rotas inovadoras, para além do modelo já institucionalizado por Cecília Meireles, conforme um processo próprio de auto-afirmação literária. (Zilberman, 2004, p. 146)

Portanto, as mulheres sempre estiveram engajadas na produção artística e literária do período. Zilberman aponta que, pelo menos desde o século XIX, a produção literária feminina dedicava-se sobretudo à lírica, contudo, após 1850, houve uma intensificação das produções de ficção escritas por mulheres. Além disso, conforme indica Evelyn Mello (2020), as mulheres, muitas vezes, não são consideradas no cânone das obras que marcaram época. Quando seus trabalhos são citados, os estudos frequentemente negligenciam as questões de gênero e as especificidades da experiência feminina.

A lírica de autoria feminina no Brasil se intensificou, sobretudo, entre as décadas de 1970 e 1980, um período que coincidiu com a maior participação das mulheres na esfera pública e no debate social. Conforme Regina Zilberman (2004), essa ascensão foi impulsionada pelas transformações comportamentais do movimento feminista, que não só questionou a subalternidade feminina no meio social, mas também no campo político e artístico. Nesse contexto, durante o regime de opressão da ditadura, as mulheres tiveram um papel ativo. Elas não apenas se envolveram em movimentos de resistência, crítica e combate à violência e ao autoritarismo militar, mas também desenvolveram uma produção artística engajada. Inspirada pelo avanço do movimento feminista, essa produção adotou um olhar generificado, focando em temáticas que representavam as problemáticas do universo feminino.

A esfera política não foi exceção a essa efervescência de movimentos sociais globais e nacionais. A participação feminina na militância, abrangendo tanto grupos de esquerda quanto a luta armada, experimentou um crescimento notável. Conforme aponta Cristina Scheibe Wolff (2013), esse aumento desafiou as expectativas de gênero da época, que confinavam as mulheres ao papel de anjo do lar e à esfera privada e doméstica, excluindo-as do debate público. Essa maior presença feminina na resistência possibilitou que essas mulheres artistas abordassem suas próprias realidades, levantando questões cruciais sobre a opressão feminina, a participação política e a maternidade.

Com o intuito de refletir sobre a representação e a experiência da maternidade durante o período da ditadura, este artigo se propõe a realizar uma análise literária interpretativa dos poemas *Caçada* (1981) e *Perguntas ao filho pródigo* (1986), ambos de autoria da poeta gaúcha Lara de Lemos. O foco é investigar como essas obras se configuram como um testemunho das dificuldades e violências impostas às mulheres, particularmente às mães, no contexto ditatorial. Para tanto, a análise será fundamentada em referências teóricas sobre gênero, incluindo Gerda Lerner (2019, 2022) e Michelle Perrot (2019), a relação entre ditadura e literatura feminina, a partir de Regina Zilberman (2004) e Evelyn Mello (2020), e as discussões sobre gênero e maternidade na ditadura, com base nos estudos de Cristina Scheibe Wolff (2013) e Carolina Rios Costa (2020). Inicialmente, abordo a participação feminina nos movimentos de resistência e o exercício da maternidade em cenários de repressão e cárcere, para, em seguida, proceder à análise detalhada dos poemas da autora em estudo.

DITADURA, MULHERES E MATERNIDADE: A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA FEMININA NA DITADURA E O EXERCÍCIO DA MATERNIDADE.

Em *A Criação do Patriarcado* (2019), a historiadora Gerda Lerner argumenta que o patriarcado não foi um fenômeno natural, mas sim uma construção histórica e, no percurso de seu desenvolvimento, a maternidade foi central para a consolidação das estruturas patriarcais desde as primeiras sociedades agrárias. Para a pesquisadora, a capacidade de controlar a fertilidade das mulheres permitiu que os homens assegurassem a linhagem e a herança, fortalecendo estruturas de poder familiar e social dominadas por homens. Além disso, a capacidade de gerar filhos contribuiu para a divisão sexual do trabalho em que as mulheres eram confinadas às tarefas domésticas e reprodutivas, enquanto os homens dominavam as atividades econômicas e políticas.

Esta divisão estabeleceu e perpetuou a subordinação das mulheres, garantindo que o poder econômico e político permanecesse nas mãos dos homens (Lerner, 2019)

Na construção do domínio masculino, a religião, sobretudo as de orientação judaico-cristã, segundo Lerner, baseada na ideia de família como núcleo central da sociedade, tanto permitiram uma melhoria no papel das mulheres enquanto mães, prescrevendo através da ideologia religiosa um certo respeito e valorização da maternidade, ao mesmo tempo em que transformou figuras femininas divinas e mitológicas, como a própria imagem de Lilith, por exemplo, subvertida para refletir e reforçar a subordinação das mulheres, através da sacralização da dominação masculina. Assim, "o peso da narrativa bíblica pareceu decretar que, pela vontade de Deus, as mulheres eram incluídas em Sua aliança apenas pela mediação de homens. Este é o momento histórico da morte da Deusa-Mãe e sua substituição pelo Deus-Pai e a Mãe metafórica sob o patriarcado" (Lerner, 2019, p. 244).

Historicamente, a valorização das mulheres não se deu por sua subjetividade autônoma como ser humano, mas sim pela sua função materna, essencial para garantir o direito à propriedade privada por meio da herança familiar. Sem a possibilidade de se autodefinir, muitas mulheres buscaram no casamento e na maternidade a garantia de acesso a recursos e proteção econômica (Lerner, 2022), sendo vistas não por suas individualidades, mas como "receptáculos da vida". Conforme aponta Michelle Perrot (2019, p. 69), "a função materna é um pilar da sociedade e da força dos Estados, torna-se um fato social. A política investe no corpo da mãe e faz do controle da natalidade uma questão em evidência." Assim, a definição e valorização da mulher estiveram ligadas ao exercício da maternidade e ao seu confinamento no espaço privado, assumindo os papéis de esposa e dona de casa.

Durante a ditadura militar brasileira, a produção artística feminina, na poesia e na ficção e a militância política das mulheres impulsionaram seu processo de emancipação. Esse movimento se deu pelo rompimento com os papéis sociais tradicionais, o que permitiu que as mulheres passassem a reivindicar sua participação na esfera pública. Assim, elas deixaram o ambiente doméstico para integrar movimentos de resistência e trazer as questões do mundo privado para o debate social. Conforme Evelyn Mello (2020), a literatura feminina desse período representou uma revisão da história oficial, a partir da perspectiva das marginalizadas.

considera-se que a literatura escrita por mulheres, no período militar, demarca importante terreno de reconstrução da História Oficial e de resgate por intermédio do ponto de vista feminino, dado que as autoras procuram perscrutar a condição de mulheres em suas múltiplas possibilidades através da saga de personagens e, ao mesmo tempo, criticar e (re)compor um painel social de repressão, reproduzindo nas narrativas situações históricas e típicas do cenário brasileiro da ditadura militar a partir de fatos do cotidiano, da intimidade das casas e das estruturas familiares (Mello, 2020, p. 44-45).

Neste sentido, a ditadura estimulou uma maior participação política feminina, segundo Evelyn Mello (2020). Essa atuação se manifestou na literatura engajada, na poesia, nos movimentos de esquerda e na luta armada. Muitas vezes, a busca e o protesto pelo desaparecimento de filhos foram o motor dessa participação. O ganho de consciência das mulheres intensificou-se quando a repressão ditatorial invadiu o ambiente privado, violando lares e subtraindo filhos, maridos e a dignidade materna.

Inicialmente, a participação das mulheres na ditadura se deu de forma coletiva, em movimentos sindicais e estudantis. Com o aumento da repressão, sua presença se intensificou, especialmente na luta armada. No entanto, Cristina Wolff (2013) aponta que essa atuação feminina nos grupos de guerrilha não era bem-vista. Segundo a pesquisadora, o discurso desses movimentos estava ligado a uma noção de masculinidade que associava a militância ao exercício da virilidade. Assim, a participação das mulheres era aceita principalmente como apoio logístico, ou seja, no desempenho de atividades historicamente femininas, como alimentação, limpeza e cuidados.

O período de maior repressão da ditadura coincidiu com o desenvolvimento do chamado feminismo de segunda onda, notável pela máxima "o pessoal é político" (Hanisch, 1969). Essa ideia sugere que os problemas íntimos das mulheres são, na verdade, reflexos da estrutura social patriarcal. O movimento foi marcado por intensas mobilizações e protestos femininos em prol da emancipação da mulher, do direito ao aborto e da defesa dos direitos reprodutivos e sexuais, entre outras pautas progressistas. No Brasil, a década de 1970 viu uma crescente participação feminina no feminismo, frequentemente ligada aos movimentos sociais populares da época, como a luta contra a ditadura em suas várias vertentes. Contudo, Maria Amélia Almeida Telles (*apud* Wolff, 2013) relata que o movimento feminista não era bem visto pelos militantes de esquerda engajados na luta antiditadura, que o consideravam um movimento pequeno-burguês.

Dessa forma, enquanto a luta armada concebia o combate à ditadura e a toda forma de opressão como uma atividade intrinsecamente ligada a atributos socialmente construídos como masculinos (força, racionalidade, honra e ação), os discursos dos movimentos de resistência que atuavam fora da esfera das organizações armadas apoiavam-se em valores associados à feminilidade, especialmente a maternidade.

Um dos discursos mais usados por um grande número de denúncias na mídia era sobre o uso da tortura. Outro tipo de denúncia era sobre o desaparecimento de militantes, e destacava muitas vezes o desespero das mães e outros familiares com relação a este desaparecimento. Outro tipo ainda era a ênfase na injustiça de muitas prisões, já que muitas das pessoas presas não eram militantes políticos. Em todos estes discursos, o gênero é um importante elemento. (Wolff, 2013, p. 120)

E por que o gênero importa para esses discursos? Porque era dada uma importância muito grande às emoções e sentimentos para sensibilizar a população, afinal, como afirma Michelle Perrot (2019), a maternidade é um pilar da sociedade pois é o trabalho de reprodução da vida que permite a geração de trabalhadores e trabalhadoras para sustentar o ciclo de exploração da máquina capitalista, é por isso que o estado dá importância às mulheres a partir da sua função de mãe, não como indivíduo. Ser mãe, ou a ideia de ser mãe, é parte da experiência simbólica e subjetiva das

mulheres, fonte de sua libertação e também opressão, por isso, o tema desperta paixões e mobiliza a opinião pública e a união feminina

a maternidade era, então, a única base sobre a qual a irmandade podia ser concebida. Portanto, não é de surpreender que, por quase 350 anos, o principal argumento das mulheres que progrediu a favor de sua reivindicação por igualdade tenha sido baseado na maternidade. (Lerner, 2022, p. 158).

É por isso que falar sobre a experiência da maternidade é mobilizar paixões, falar que um guerrilheiro ou guerrilheira tinha família, era humanizá-lo/humanizá-la.

A participação política das mulheres no período esteve então bastante ligada ao discurso da maternidade, através de grupos que buscavam filhos desaparecidos, como as *Madres de la Plaza de Mayo*, na Argentina, ou as inúmeras mães que se mobilizaram, junto a outras pessoas, para protestar pelo direito a saber o paradeiro de seus filhos e filhas, ou por livrar da prisão aqueles/aquelas que elas deram à luz. No Brasil o caso mais famoso é de Zuzu Angel, estilista brasileira cujo filho, Stuart Angel Jones, foi preso, torturado e assassinado pela ditadura nos anos 1970. A partir disso, Zuzu transformou sua atuação pública em uma campanha internacional pela denúncia das violações de direitos humanos no Brasil (Echeverria, 2006). Importante mencionar também a figura de Eunice Paiva, advogada e militante de direitos humanos, a mulher foi figura central na luta por memória, verdade e justiça no Brasil. Viúva de Rubens Paiva, deputado federal cassado, preso e assassinado pela ditadura, transformou sua dor em ação política e jurídica, dedicando-se a denunciar violações, buscar o paradeiro do marido e apoiar outras famílias de vítimas do regime.

No entanto, os torturadores não pouparam nem mães nem filhos na sua ânsia de, supostamente, combater o comunismo. Mães, grávidas eram torturadas tão ou mais brutalmente que sua contraparte masculina e, para as mulheres, em especial as que participavam de grupos militantes, havia uma dupla opressão, a do próprio sistema patriarcal que as julgavam por subverterem o papel social imposto às mulheres, que é o espaço do privado, do lar, do cuidado da família e dos filhos/filhas, e por lutarem contra a ditadura. E, como analisa Caroline Rios Costa (2020), as mulheres eram sujeitas à violências e torturas contra o mais íntimo de seus corpos, que é suas sexualidades, seus órgãos genitais, aquilo que as faz fêmeas

A repressão que as militantes femininas sofreram nos porões era diferente da que seus companheiros homens sofriam, visto que as mulheres foram alvo sistemático de violações sexuais. A prática de estupros e abortamentos forçados foi corriqueira, nas sessões de tortura, quando se tratou de repressão política violenta contra as militantes de esquerda (Costa, 2020, p.141)

A violência sexual e a tortura física, que incluíam choques elétricos na vagina, introdução de animais nos genitais e estupro, foram táticas de terror empregadas durante a ditadura. Tais violações deixaram traumas profundos nas vítimas, especialmente as mulheres, muitas das quais optaram por não denunciar os abusos

devido à vergonha e ao medo. Para as mães, o sofrimento se intensificava com uma camada adicional de opressão, a dor de testemunhar a tortura, a violência, a prisão ou a morte dos próprios filhos e filhas, ou até mesmo sofrer violências na presença deles, culminando na separação e no afastamento do convívio familiar.

As mulheres e seus filhos/filhas não eram poupadas pelo regime, a violência física e psicológica sob a qual eram submetidas eram diferentes daquelas dos homens, havia torturas específicas para as mulheres, pensadas sobre o prisma da opressão sexual e a maternidade era muitas vezes usada contra as mulheres, de forma que, se o patriarcado se desenvolve também a partir do medo do mistério da gestação, a partir da tentativa de controle da natureza, representada pelas mulheres e sua capacidade de gerar vida (Beauvoir, 2016; Lerner, 2019), se a capacidade gestacional, o amor desenvolvido pelos filhos/filhas atravessa a experiência feminina de tantas formas, é justamente neste ponto nevralgico que os militares iam se apoiar para manipular, violentar e oprimir mulheres, mães e suas crianças.

A maternidade constitui uma dimensão crucial da experiência feminina, e a atuação das mães durante o governo militar – seja na militância armada, seja nos grupos de direitos humanos em busca de desaparecidos políticos ou na luta pela libertação de filhos e filhas presos, evidencia essa importância. A participação feminina, que se estendeu dos movimentos sociais para a arte e a literatura, absorveu profundamente essas temáticas íntimas, emergindo da esfera do privado e do doméstico para atravessar a vida e a subjetividade das mulheres. O período ditatorial foi marcado pela prisão de inúmeras mulheres, pela tortura de seus filhos e filhas e por abortos induzidos pelos militares. As produções artísticas dessas mulheres refletem a experiência de ser mulher em uma sociedade patriarcal e, nesse contexto de repressão, tornam-se um espaço vital para refletir e discutir a maternidade. Com base nisso, no tópico seguinte faço uma análise interpretativa dos poemas de Lara de Lemos (1986 e 1981) sob a perspectiva da representação da maternidade em cenários de repressão.

FÚRIA DE FERA: A MATERNIDADE FIGURADA NO POEMA *CAÇADA E PERGUNTAS AO FILHO PRÓDIGO* DE LARA DE LEMOS

Em sua obra *Minha História das Mulheres*, Michelle Perrot (2019), falando sobre a invisibilização feminina na escrita da história, diz que “no teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra” (p. 22), isto quer dizer que historicamente as mulheres não são pensadas enquanto sujeitos da história, nem das suas e nem da coletiva, isso porque a nós mulheres não foi permitido participar ativamente da escrita da história, o trabalho feminino, nossa contribuição para a criação do mundo simbólico existiu, porém os vestígios da participação feminina foram por vezes apagados, pois é o homem que faz cultura é ele, o homem hetero, branco, que define o que permanece na nossa memória e aquilo que não merece ser destacado (Perrot, 2019).

A história, por sua construção patriarcal e masculina, tende a negligenciar e apagar os registros e a memória das mulheres, conforme apontam Perrot (2019) e Gerda Lerner (2022). Essa desvalorização externa, que ignora ou restringe a relevância do que as mulheres produzem e expressam, leva-as, inclusive, a não considerarem importante a preservação de seus próprios escritos e vestígios. Apesar de sempre terem escrito e

produzido cultura, o desenvolvimento do patriarcado buscou confinar o feminino ao espaço doméstico, desencorajando e marginalizando sua participação na vida coletiva e na história. Contudo, a atuação das mulheres nos movimentos de resistência à ditadura brasileira, seja através de sua produção ou de sua integração a movimentos sociais, demonstrou ser um motor crucial para a denúncia de crimes, torturas e desaparecimentos ocorridos durante o regime. A luta pelo direito de saber o paradeiro dos filhos significou também a luta pelo direito à memória, a contar nossas próprias histórias através das margens, do que foi apagado ou mantido na esfera do privado. Relegada a esse espaço, a escrita feminina é uma escrita muitas vezes íntima, que fala a partir da experiência subjetiva das mulheres autoras.

Esta característica também é encontrada na produção poética de Lara de Lemos. A gaúcha tem sua obra poética perpassada por um lirismo íntimo que ao falar do individual fala também sobre o universal e o coletivo a partir de uma perspectiva feminina. A poeta, que faleceu em 2010, além de sua atuação na literatura, foi também jornalista e tradutora brasileira, conhecida por sua obra poética e por sua atuação em defesa dos direitos humanos e da democracia. Nascida em 22 de junho de 1923, em Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, sua vida e obra foram marcadas pelo engajamento político e social e isto pode ser percebido nos poemas aqui analisados e em toda obra que compõe seu livro *Inventário do Medo* (1997), em que a experiência da tortura, da repressão e perseguição política assume uma perspectiva que parte deste olhar feminino e generificado. Seus poemas, sobretudo os que compõem a coletânea citada, falam sobre a época em que esteve presa junto com seus filhos e marido durante os anos de repressão.

No livro, seus escritos discorrem sobre a experiência da prisão “suplantando a expressão de uma experiência individual, ao relacioná-la à experiência de seus contemporâneos, o que dá a sua poesia um caráter social e universal” (Pavani, 2009, p.28). A obra da poeta, como analisa Regina Zilberman (2004), é herdeira do lirismo intimista de Cecília Meireles, porém atravessada por uma tônica engajada e, acrescento, testemunham os horrores da ditadura militar a partir de uma perspectiva feminina. No poema *Caçada* (1981) e Perguntas ao Filho Pródigo (1986) presente em *Inventário do medo e Palavravara*, respectivamente, podemos encontrar a representação das dores da maternidade nos anos de chumbo brasileiro.

Lara de Lemos nos fala sobre a experiência de ser presa, ser torturada e ter seus filhos capturados pelo governo militar. Em *Caçada*, a partir desta perspectiva íntima, a autora fala sobre a maternidade sob uma perspectiva emocionalmente intensa e complexa. Ao analisar o poema, podemos perceber a dor e a angústia que a autora expressa ao descrever a experiência de ser mãe em um contexto de repressão política e violência. O poema é dedicado a seu filho, Adail Ivan de Lemos que, juntamente com seu outro filho, Paulo César de Lemos, além do marido e da própria poeta, foram presos e torturados durante a ditadura militar.

CAÇADA

Para Adail Ivan de Lemos

O dia e sua cilada

surgiram de surpresa.

CARVALHO, K. S. de

*No instante iníquo
não consegui rastear
a fuga. Sabia-te indefeso
à mira, ao tiro.*

Despedaçaram-te.

*Em cega fúria de fera
empunho meu escudo
de veneno e ódios.*

*Retomo-te em meus dentes
e prossigo.*

O poema retrata a figura de uma mãe que se vê em uma constante busca pela proteção e segurança de seu filho, enquanto enfrenta a opressão e o medo impostos pelo governo militar. Através da experiência pessoal da maternidade, de ver seus filhos sendo torturados, presos, a poeta fala também sobre a experiência singular de várias outras mães que constantemente vagavam pelos aparelhos burocráticos do estado na caçada em busca dos filhos/filhas e maridos, daí o nome do poema. Além disso, aqui a maternidade é retratada como um ato de resistência e força, onde a mãe é levada a proteger seu filho em meio à perseguição e à caçada implacável dos agentes do regime. A autora destaca a vulnerabilidade da maternidade nesse contexto, evidenciando o constante temor de perder o filho para a violência do regime.

Lara começa o poema com os seguintes versos “O dia e sua cilada / surgiram de surpresa.” o substantivo “dia” pode remeter tanto ao dia em que a repressão da ditadura toma conta do país, o que já se anunciava e então se concretiza como uma cilada, ou seja, uma emboscada, quanto ao dia em que esta mãe, retratada no eu lírico da poesia vê seu filho sendo levado pelos aparelhos repressores do estado. Surgir de surpresa se refere tanto ao golpe quanto à invasão das casas e domicílios pelas forças policiais sem que as pessoas estivessem esperando. “Cilada” e “surpresa” são dois substantivos que guardam alguma similaridade em suas semântica. Os dois termos falam sobre esse elemento inesperado, que acontece sem que se dê conta, já surpresa geralmente tem uma conotação positiva, o que não acontece aqui no poema.

Na estrofe seguinte “No instante iníquo/ não consegui rastear a fuga. Sabia-te indefeso/ à mira, ao tiro.”, o adjetivo “iníquo” vai se referir ao momento único e injusto em que a mãe é surpreendida pelo desaparecimento do filho e se vê incapaz de saber em quais dos porões da ditadura está o filho, ou se foi para a clandestinidade. Os versos, carregados de culpa materna e melancolia, demonstram um certo desespero da mãe que conhece a vulnerabilidade e as violências às quais o filho está sujeito e, sabendo-o frágil e indefeso, se ressentido por não conseguir buscar ou saber o paradeiro de sua criança. Mas esta não é uma culpa resignada, não é um ressentimento em relação ao filho ou a si, mas sim às injustiças cometidas pelos ditadores no poder e, nos próximos versos veremos que esta mãe representada no eu lírico, que é também construída a partir da história pessoal da poeta, transforma a dor em fúria, fúria de fêmea que vê sua cria sendo perseguida pelos predadores e o persegue, o caça.

O verso seguinte, que aparece sozinho, “Despedaçaram-te”, serve como um termo de ligação entre os primeiros versos, carregados de um sentimento de melancolia, tristeza e até desespero em relação à violência cometido contra o filho; e os últimos versos, que transformam-se em um grito de dor, raiva e, sobretudo, de luta feroz para encontrar o filho e trazê-lo de volta a casa, de volta a alcatéia para que ela lhe possa lambe as feridas. Aqui, esse despedaçar, que refere-se a um ato de quebrar, fragmentar algo de alguém, na figuração do poema evoca imagens de sofrimento emocional, destruição de sonhos e dor profunda, destacando o impacto significativo da experiência do cárcere na subjetividade do indivíduo, neste caso, tanto da mãe, quanto do filho evocados no poema.

“Em cega fúria de fera / empunho meu escudo /de veneno e ódios.”, assim são os versos que Lara de Lemos introduz as estrofes que compõem essa parte do poema. Se nas estrofes anteriores, os versos são carregados de melancolia, tristeza, decepção e desespero, aqui há a criação de uma imagem visceral, animalesca, da maternidade enquanto instinto. Se o primeiro verso perpassa uma ode ao coração, aqui, a força dos versos vêm do útero, da força criadora ancestral feminina. E essa força, carregada de uma “fúria de fera”, com os fonemas sibilantes dos dois fs que elaboram um ritmo sonoro que lembra os chiados de ataques dos felinos, é que vai dar forças à mãe para lutar, não só pela busca de seu filho, mas pela democracia e pela justiça social, para que nenhuma mãe tenha mais que velar seus filhos.

Nos últimos versos, depois do desespero e da dor da perda, após a força criadora dos sentimentos de proteção maternos, do instinto de cuidar imputado às mulheres e que perduram em nossa cultura, a mãe/fera finalmente tem seu triunfo. Nos versos “Retomo-te em meus dentes /e prossigo”, acompanhamos o momento em que a mãe finalmente consegue encontrar seu filho e, entre os dentes, no calor de seus braços, o traz de volta para a casa. Compreendo esse verso de duas formas, tanto a mãe pode trazer de volta sua cria, para lhe lambe as feridas e juntar os cacos que fizeram deles os militares, como morto, para velar sua alma. Assim, o poema parte de um crescendo em que uma mãe, em busca de seu filho tira forças do sofrimento, da melancolia, se reveste de raiva e coragem para transformar a dor em ação, tal qual as milhares de mães fizeram nos movimentos de resistência à ditadura.

Essa angústia que a mãe sente em relação ao sofrimento do filho também pode ser dimensionada a partir do poema *Perguntas ao filho pródigo*. Composto de 4 versos com 5 estrofes cada verso, o poema é construído a partir de perguntas retóricas que a mãe faz ao filho e essas perguntas são carregadas também de um sentimento de culpa e angústia materna que a mãe sente pelo sofrimento do filho, sofrimento este que nem sempre a mãe consegue aplacar no regime repressivo brasileiro.

PERGUNTAS AO FILHO PRÓDIGO

*Onde terei falhado
quando te vi crescer
cavalgando vassouras
herói de muitas lutas
ginete, capa e espada?*

CARVALHO, K. S. de

*Onde terei falhado
quando te vi celebrar
gols de vitória
batalhas de botões
bandeiras e medalhas?*

*Onde terei falhado
quando te vi sofrer
por ideais gorados
quando te visitei
em cárceres e celas?*

*Onde terei falhado
quando de tanto amar
te vi perdido
e de tanto esperar
me vi mortalha?*

O título do poema faz referência ao título do texto bíblico *Parábola do Filho Pródigo*, contada em Lucas 15:11. Neste texto, um pai recebe de volta o filho à casa, com louros e festas, após este filho sair pelo mundo gastando a herança que o pai lhe deu. A ligação entre o filho pródigo da bíblia e o do poema está no fato de que, apesar da sua saga errante pelo mundo, ainda assim é recebido em casa com amor e cuidado. Neste sentido, tanto este poema como também *Caçada* vão falar sobre esse retorno do filho à casa, após a experiência traumatizante do cárcere.

Todas as estrofes do poema começam com o mesmo questionamento “onde terei falhado” remetendo ao sentimento patriarcal que coloca nos ombros da mãe toda a culpa pelas escolhas do filho, mas deixa de lado o papel do pai na trajetória de suas crias. A mãe, tão atravessada por esse sentimento, se questiona se foi por falha sua que o filho foi levado ao cárcere, sugerindo uma introspecção em relação ao seu papel formativo na vida de sua criança. Na primeira estrofe o eu lírico desta mãe declara “Onde terei falhado/ quando te vi crescer/ cavalgando vassouras/herói de muitas lutas/ ginete, capa e espada?”. Aqui, os substantivos ginete, capa, espada, se referem a este teor bélico, de guerras e lutas que remetem tanto às brincadeiras infantis, principalmente estas que eram mais pensadas como “brincadeira de menino”, o que remete a própria biografia da autora que teve dois filhos homens. A mãe aqui se pergunta sobre os erros cometidos em relação ao desenvolvimento deste sentimento bélico que pode ter o inspirado na luta contra a ditadura e levado-o a ser preso.

A segunda estrofe também remete à infância, as brincadeiras de criança mas, enquanto nos versos anteriores as brincadeiras são carregadas desse tom bélico, aqui elas são referentes a jogos de uma fase mais avançada da infância. Assim, a autora escreve “Onde terei falhado /quando te vi celebrar/gols de vitória/ batalhas de botões/ bandeiras e medalhas?”, remetendo à celebração pelas vitórias do filho, com “bandeiras e medalhas” se referindo ao orgulho materno ao mesmo tempo em que se carrega a dor e o perigo das alegrias transformadas em dor, posteriormente, pela repressão e tortura dos militares.

Na terceira estrofe “Onde terei falhado/ quando te vi sofrer/ por ideais gorados/ quando te visitei/ em cárceres e celas?” o sentimento da mãe se intensifica, as alegrias e

vitórias da infância cedem espaço para as dores e sofrimentos pela esperança perdida. Aqui se representa a chegada do extremo sofrimento e a perseguição política enfrentada pelo filho, reforçando o contexto da ditadura militar, percebido, principalmente, pelos substantivos “cárcere” e “celas”. A mãe sente profundamente a dor do filho, e seu questionamento reflete a dor compartilhada e a solidariedade incondicional em relação a outras mães, que tiveram seus filhos presos pela ditadura.

Na última estrofe “Onde terei falhado/ quando de tanto amar/ te vi perdido/ e de tanto esperar/ me vi mortalha?” a imensidão do amor materno e a incapacidade de poder arrancar o filho do ciclo de sofrimentos, e os sentimentos de impotência e perda leva à culpa e também leva a mãe a se sentir perdida, assim como o filho que também está perdido. Em “de tanto esperar” podemos perceber a angústia da mãe que não sabe quando o filho volta, se volta, se pode ser recuperado, assim a esperança da infância, as imagens alegres de um tempo áureo, é mudado para a imagem da mortalha, símbolo do luto e representação da tristeza e desespero, de forma que a esperança, por causa da longa espera pela volta do filho pródigo, se torna angústia de morte.

Ao final do poema podemos perceber uma diferença fundamental nos sentimentos invocados neste poema e no anterior. Em *Caçada* há uma desesperança feroz e não resignada, que a partir dos sentimentos desesperados de uma mãe que acompanha o filho torturado, encarcerado, usa da dor para alimentar o ódio de fera e recuperar seu rebento. Em *Perguntas ao Filho Pródigo*, a esperança, a alegria de poder ver o filho crescer e desenvolver cede espaço à dor, à mortalha do medo de não conseguir se reunir novamente com sua cria, revelando a complexidade emocional de amar um filho que está envolvido em uma luta perigosa e sofrida, refletindo sobre a culpa, o amor, a esperança e o desespero. A repetição da pergunta “Onde terei falhado” destaca a introspecção contínua e a busca por respostas em um contexto de extrema adversidade e injustiça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Caçada*, a busca de uma mãe pelo seu filho fala tanto sobre a experiência individual da poeta como também da experiência de milhares de mães que tiveram seus filhos mortos, torturados e desaparecidos. Assim, o poema remete à forma como as mães são confrontadas com um ambiente de opressão, violência e perseguição durante o período da ditadura militar brasileira. Subvertendo o que se espera de mulheres e mães no bojo do patriarcado, as mães se revestem de força e coragem e se tornam verdadeiras guardiãs de seus filhos, buscando protegê-los a todo custo. Essa atitude demonstra a resistência das mães em enfrentar o regime autoritário e preservar a vida de seus filhos. Já no segundo poema analisado, a autora expressa a complexa mistura de amor, preocupação, e culpa que uma mãe sente ao ver seu filho envolvido em lutas políticas e sofrendo as consequências disso.

As mães aqui são retratadas como figuras corajosas e determinadas, capazes de enfrentar o sofrimento e o medo em prol da segurança de seus filhos. Elas assumem o papel de protetoras, colocando a vida e o bem-estar de suas crianças acima de tudo. Essa proteção é evidenciada tanto nas ações práticas, como buscar abrigo seguro e

CARVALHO, K. S. de

esconder seus filhos, quanto nas emoções, expressando amor incondicional e preocupação constante e também um ódio criador, no sentido de que, pela raiva e indignação, elas se revestem de coragem para desafiar o regime as normas misóginas.

Além disso, a maternidade é representada como um ato de resistência simbólica. Ao proteger seus filhos e resistir à perseguição do regime, as mães desafiam a lógica de opressão e violência impostas pela ditadura. Elas se tornam símbolos de resistência e esperança, transmitindo aos seus filhos a ideia de que é possível lutar contra a injustiça e preservar a dignidade humana mesmo em tempos difíceis. Dessa forma, a autora retrata a maternidade como um ato de resistência e proteção, destacando a coragem, a determinação e o amor incondicional das mães diante das adversidades impostas pela ditadura militar.

Artigo recebido em: 21/05/2025

Aprovado para publicação em: 25/11/2025

BEASTLY FURY: THE REPRESENTATION OF MOTHERHOOD IN THE CONTEXT OF THE DICTATORSHIP IN THE POEMS "CAÇADA" AND "PERGUNTAS AO FILHO PRÓDIGO" BY LARA DE LEMOS

ABSTRACT: In this article, I propose a reflection on the representation and lived experience of motherhood during the Brazilian civil-military dictatorship. The main objective is to examine how the poems *Caçada* (1981) and *Perguntas ao filho pródigo* (1986), by Lara de Lemos, function as testimonies to the adversities imposed on women-mothers within this context of political oppression. The methodology employed is an interpretive literary analysis of the poems, focusing on poetic imagery, lexical choices, and formal structures. Discursive analysis procedures situated in context will be mobilized to observe how the poems engage with State violence and forms of female resistance. The theoretical framework includes gender theories developed by Gerda Lerner and Michelle Perrot, studies on dictatorship and women's literature by Regina Zilberman and Evelyn Mello, as well as research on the intersection of gender and motherhood under authoritarianism, such as the works of Cristina Scheibe Wolff and Carolina Rios Costa. The analysis seeks to demonstrate how Lara de Lemos's poetry constructs profound meanings regarding maternal experience under oppression, thereby validating these poems as documents of resistance and as repositories of memory of women's struggles against the dictatorship.

KEYWORDS: Literature, Memory, Novel.

FURIA DE BESTIA: LA REPRESENTACIÓN DE LA MATERNIDAD EN EL CONTEXTO DE LA DICTADURA EN LOS POEMAS "CAÇADA" Y "PREGUNTAS AL HIJO PRÓDIGO" DE LARA DE LEMOS

RESUMEN: En este artículo propongo una reflexión sobre la representación y la experiencia vivida de la maternidad durante la dictadura civil-militar brasileña. El objetivo principal es analizar cómo los poemas *Caçada* (1981) y *Perguntas ao filho pródigo* (1986), de Lara de Lemos, funcionan como testimonios de las adversidades impuestas a las mujeres-madres en este contexto de opresión política. La metodología empleada será el análisis literario interpretativo de los poemas, con énfasis en las imágenes poéticas, las elecciones léxicas y las estructuras formales. Se movilizarán procedimientos de análisis discursivo situado para observar el diálogo de los poemas con la violencia de Estado y con las formas de resistencia femenina. El marco teórico incluye las teorías de género de Gerda Lerner y Michelle Perrot, los estudios sobre dictadura y literatura de autoría femenina realizados por Regina Zilberman y Evelyn Mello, así como investigaciones sobre la intersección entre género y maternidad en contextos dictatoriales, como las de Cristina Scheibe Wolff y Carolina Rios Costa. El análisis busca demostrar cómo la poesía de Lara de Lemos construye significados profundos sobre la experiencia materna bajo la opresión, validando estos poemas como documentos de resistencia y como memoria de las luchas femeninas contra la dictadura.

RESUMEN: Literatura, Memoria, Romance.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. *O segundo Sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOSI, Viviana. Sobrevoos entre as artes (à volta das décadas de 1960-1970). In: BOSI, Viviana; NUERNBERGER, Renan (orgs.). *Neste instante: novos olhares sobre a poesia brasileira dos anos 1970*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2018.

COSTA, Caroline Rios. “Ser mãe na ditadura” – afeto e política caminham de mãos dadas. *Revista Outras Fronteiras*, v. 8, n. 2, p. 138- 162, Ago/Dez, 2020.

JUTGLA, Cristiano. *A Poesia de Resistência à Ditadura Militar (1964-1985): Algumas Reflexões*. *Revista Lyra*, v.2, p.73-97, Dez/2013.

LEMONS, Lara de. *Palavravara*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

LEMONS, Lara de. *Inventário do medo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1981.

LERNER, Gerda. *A Criação do Patriarcado*. São Paulo: Cultrix, 2019.

LERNER, Gerda. *A Criação da Consciência Feminista*. São Paulo: Cultrix, 2022

MELLO, Evelyn. *Literatura, feminismo e ditadura: possíveis caminhos da crítica literária para uma leitura de obras escritas por mulheres no período do regime militar brasileiro*. *Revista Itinerários*, n. 50, p. 37-55, Jan/Jun 2020.

CARVALHO, K. S. de

PAVANI, Cinara Ferreira. A memória dos anos de chumbo em Inventário do medo, de Lara de Lemos. **Revista Diadorim**, v. 5, n. 1, p. 27- 42, 2009.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2019.

ZILBERMAN, Regina. *Poesia feminina em tempo de repressão: as mulheres que se expressaram em verso nos anos 70 e 80*. **Revista Signótica**, v. 16, n. 1, p. 143- 169, Jan/Jun 2004.

WOLFF, Cristina Scheibe. *Eu só queria embalar meu filho. Gênero e maternidade no discurso dos movimentos de resistência contra as ditaduras no Cone Sul, América do Sul*. **Aedos**, vol. 5, n. 13, p.117-131, ago/dez 2013

KELY CARVALHO: Mestre em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, área Estudos Literários com pesquisa desenvolvida sobre testemunho, memória e distopia. Graduada em Letras - Inglês pela Universidade Federal de Goiás. Foi bolsista do PIBID no subprojeto Letras - Inglês. Formada no curso de comunicação social - Audiovisual pela Universidade Estadual de Goiás e especialista em Patrimônio, Direitos Culturais e Cidadania pela UFG. Pesquisadora e membro integrante do Laboratório Universitário de Memória Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás, com pesquisas na área de gênero, patrimônio e preservação audiovisual.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-3394-3350>

E-mail: kelyscarvalho@gmail.com

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 3.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).